



ESTADO DE SERGIPE
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO
RECORTE DE JORNAIS

JORNAL DA CIDADE

B-2

ARACAJU, SEXTA-FEIRA, 10 DE MAIO DE 2013

CIDADES

Problemas na oncologia do Huse levam gestores ao MPE

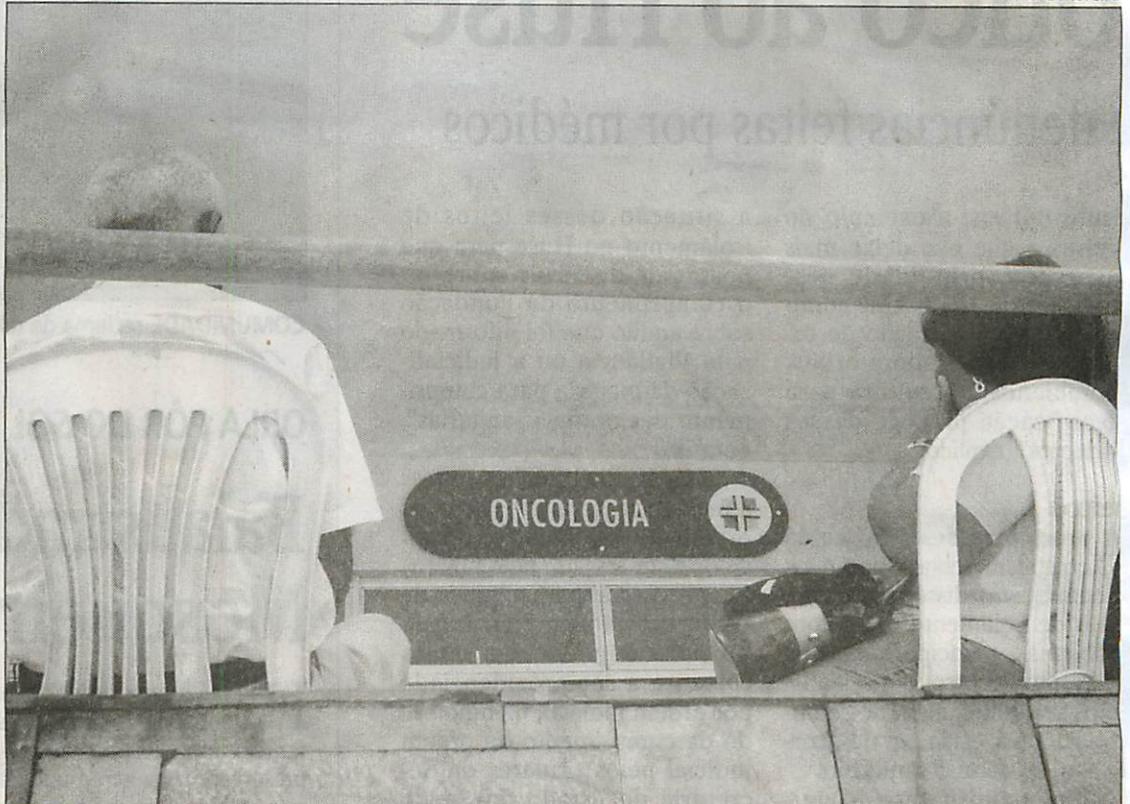
Audiência contou também com o Sindimed que levou as denúncias

André Moreira

Gabriele Frades
DA EQUIPE JC

Os problemas no setor de oncologia do Hospital de Urgência de Sergipe (Huse), apresentados no mês de fevereiro pelos representantes do Sindicato dos Médicos (Sindimed), foram discutidos ontem em audiência realizada pelo Ministério Público Estadual (MPE). Entre os temas tratados estiveram em pauta a realização das cirurgias oncológicas, a prestação de serviços terceirizados, a falta de equipamentos e medicamentos, além das contratações de funcionários.

Para abrir as discussões foi questionada aos representantes da Fundação Hospitalar de Saúde (FHS), Alan da Fonseca, a falta de atendimento a novos casos ambulatoriais e avaliativos do setor de oncologia, pois de acordo com denúncias do Sindimed, estes teriam sido suspensos na unidade devido à impossibilidade de se realizar o tratamento quimioterápico - por falta de medicamento - desde o último dia 17 de fevereiro. Alan não negou a acusação, mas alega que o atendimento já voltou a ser realizado.



PACIENTES com câncer assistidos pelo setor sofrem com falta de medicamentos e equipamentos

um problema que não há como ser solucionado porque não há diferenciação de trabalho, não existe um centro cirúrgico específico para oncologia, por isso o mesmo profissional atua em todos os segmentos. Sabemos da importância dele, mas por enquanto ele não existe”, salienta.

O médico ressaltou ainda que a execução dos serviços anatomopatológicos está acontecendo na unidade de forma terceirizada e este já se encontra regularizado, além disso, os exames de imuno-histoquímica e fenotipagem não estão sendo realizados pelo Huse, mas sim sendo encaminhados para fora do Estado. “Nenhum paciente está deixando de ser atendido, estamos atendendo a todos dentro das nossas possibilidades, mas não podemos esquecer que existe uma fila de espera ainda grande em Sergipe. O Sindmed nos questionou também sobre a realização das cintilografias, mas estas não são realizadas pelo Estado, e sim pela Secretaria de Saúde do Município (SMS)”, pontuou Alan.

Mas os problemas não pa-

ram por aí. Segundo o coordenador administrativo do Huse, Marcos Krogger, os exames de laringoscopia não estão sendo feitos no hospital, pois a unidade de saúde não possui o aparelho. “Nós sequer sabemos onde esses exames estão sendo feitos. Outro ponto é a falta de traqueóstomo adulto e infantil do tipo descartável, pois hoje trabalhamos apenas com o convencional, que não é o ideal para tratamento quimioterápico. Já no quesito contratação, foi questionada a existência de médicos que trabalham no setor de oncologia, mas não possuem vínculos como estatutário ou mesmo celetistas da FHS. “Eu desconheço a existência desse pessoal, mas sei que lá trabalham pessoas que foram contratadas por determinação judicial”, alegou Krogger.

A não utilização de nove salas da unidade de saúde também foi questionada, mas de acordo com Krogger, apenas seis delas estão sendo utilizadas devido a dificuldades técnicas e de pessoal. “E mesmo assim as utilizamos de forma precária, pois não existe equi-

pamento ou mesmo pessoal suficiente para realizar a utilização de todas elas. Sabemos da importância do funcionamento dessas salas, em especial nos turnos da manhã e da tarde, pois muitas vezes os pacientes ficam no PS ou tem sua cirurgia adiada por ausência da sala no centro cirúrgico. Nesse quesito, o setor oncológico também é prejudicado, em razão do deslocamento dos profissionais para atender os casos de urgência do hospital”.

Ao final da audiência, a promotora Euza Missano, responsável pela promotoria de saúde do MP, não determinou prazos para que as irregularidades sejam sanadas, mas pediu agilidade nesse processo. “O único prazo determinado foi o de 10 dias para manifestação da FHS quanto à contratação dos médicos que trabalham na oncologia do Huse. Os demais casos demandam tempo e empenho das partes, que eu sei que farão o possível para solucionar os problemas, mas até lá teremos que esperar os resultados e que estes sejam cumpridos o mais breve possível”, espera.

“O serviço realmente deixou de ser feito durante uma semana, mas já foi reestabelecido e mesmo nesse período nenhum dos que procuraram o Huse deixou de ser atendido, pois foram encaminhados para outros postos de atendimento fora do Estado, no sistema de Tratamento Fora do Domicílio (TFD). Infelizmente, não podemos garantir que novos incidentes como esse voltem a acontecer nos setores de oncologia clínica, adulta e pediátrica, devido à ausência de subsídios para garantir esse serviço”, explicou.

Outro ponto questionado pelo Sindimed foi a falta de anesthesiologista disponível exclusivamente para o serviço de oncologia, pois o único que atende essa demanda faz também os trabalhos do centro cirúrgico da unidade. “Esse é